

**CONTRIBUTO PARA ASSEGURAR A QUALIDADE
PEDAGÓGICA EM CRECHE (0-3 ANOS)
EM TEMPO DE COVID19**



Na sequência da posição tomada sobre a reabertura das creches a 18 de maio, a APEI acolheu um conjunto muito alargado de profissionais de educação (educadores de infância, investigadores e outros profissionais com saber especializado em educação de infância), para elaborar um contributo que respeitasse os princípios basilares da pedagogia da infância e garantisse a efetivação dos direitos das crianças, bem como os dos adultos com quem as mesmas convivem, sem que fossem descuradas as regras que a situação pandémica exige.

As creches e os jardins-de-infância são instituições para a infância, com responsabilidades na garantia dos seus direitos e no apoio às famílias com crianças entre os 0 e os 6 anos de idade. Realçam-se os **direitos de proteção** (contra a discriminação, o abuso, a exploração, etc.), de **provisão** (saúde, educação, segurança social, cuidados físicos, vida familiar, recreio e cultura) e de **participação** (ser ouvida, ter acesso à informação, liberdade de expressão e opinião), que privilegiadamente se conjugam no direito a brincar, a ter experiências ricas e diversificadas e relações significativas com adultos e outras crianças.

As instituições de educação de infância e os seus profissionais têm, igualmente, uma centralidade na ecologia da infância ao promover a articulação entre os contextos familiares e os contextos sociais, culturais e comunitários, e entre os diversos sectores da sociedade, com implicações diretas na vida das crianças e das suas famílias (saúde, ação social, justiça, cultura, emprego, autarquias), mobilizando de forma integrada os recursos necessários no atual contexto para garantir a sua qualidade.

As educadoras (ou educadores) de infância são profissionais da educação, com elevada formação e compromisso social, sabendo e dando forma à articulação intrínseca entre o cuidar e o educar, enquanto identidade da educação de infância. Nessa base, estas profissionais são quem, no interior das instituições, em colaboração com toda a equipa educativa, definem e desenvolvem as estratégias adequadas para a garantia de vida saudável e prazerosa das crianças. A estas profissionais é pedido, neste momento de grande

complexidade, um profissionalismo e discernimento especialmente exigentes que requerem um autocuidado e os apoios necessários para que se sintam acompanhadas.

A ação das profissionais de educação de infância é, também, fundamental junto das famílias, com o propósito de construírem, conjuntamente, quotidianos seguros e estáveis para crianças e adultos. Neste sentido, comunicar com as famílias de modo contínuo, transparente e personalizado, atendendo às diversas formas, possibilidades e preferências de comunicação, deve ter como base a colaboração e corresponsabilização nos procedimentos a atender e a desenvolver. Na interação estabelecida, devem, assim, ser intencionalmente criadas e desenvolvidas oportunidades para que as famílias se sintam acolhidas, bem-vindas, escutadas e respeitadas nas suas preocupações, expectativas e propostas, promovendo o melhor regresso possível das crianças à creche, com base no fortalecimento da relação de confiança entre equipa educativa e família.

No trabalho quotidiano em creche, as diversas dimensões da pedagogia da infância são o garante de uma experiência positiva de crianças e adultos, como se explicita de seguida.

As relações e interações assumem, neste contexto, um papel de destaque. Numa fase que poderá ser de maior instabilidade na vida de bebés e crianças, a presença de adultos de referência contribui de modo muito visível para a segurança, a confiança e o conforto de que necessitam. Cuidar do seu bem-estar físico, emocional e social é uma tarefa primordial neste período, assegurada por um adulto atento, sensível e responsivo. Será importante que esta profissional mantenha, sempre que possível, uma relação de continuidade com o mesmo grupo de bebés ou crianças, evitando-se o cuidado indiferenciado. A qualidade desta relação influencia não só a estabilidade emocional de bebés e crianças, mas também a sua predisposição para iniciar e manter processos centrais ao seu desenvolvimento e aprendizagem, como a exploração, a interação, a comunicação, a brincadeira e a construção de significados.

Especificamente em relação à **comunicação**, novos desafios se antecipam neste período, sobretudo pela utilização de artefactos (como a máscara) que trazem alterações a modos de comunicação familiares para bebés e crianças (o sorriso e a expressão facial). Sendo a comunicação, verbal e não-verbal, vital nestas idades, destaca-se a atenção a outros formatos comunicacionais, como o contacto ocular e a utilização da voz e do corpo como instrumentos de comunicação.

No âmbito destas relações e interações, o papel da observação cuidadosa de bebés e crianças é um processo que deve manter a sua sistematicidade, com atenção a sinais e reações de desconforto físico ou emocional (tristeza, irritabilidade e retrocesso face a aquisições anteriores). Isto permitirá sintonizar o adulto com as suas necessidades e servir de base ao diálogo com as famílias ou especialistas.

Do ponto de vista da organização dos espaços, importa salientar que **as medidas propostas de distanciamento físico não poderão representar o confinamento nem o isolamento social das crianças**. Nesta faixa etária, o bem-estar, o desenvolvimento e a aprendizagem estão dependentes das oportunidades criadas para o movimento livre e autónomo. A redução prevista do número de crianças por grupo e a expansão dos espaços da creche poderão constituir medidas de salvaguarda deste direito das crianças. Um ambiente tranquilo, do ponto de vista visual e sonoro, organizado e flexível, confortável e esteticamente pensado são outros aspetos que contribuirão para a experiência positiva de crianças e adultos. A utilização de espaços exteriores, dentro e fora das instituições, é de incentivar, respondendo, simultaneamente, a preocupações pedagógicas, de segurança e de saúde.

Do ponto de vista dos materiais, em circunstâncias de restrição, sugere-se a opção por brinquedos e materiais de fim aberto que sejam facilmente higienizáveis ou descartáveis, pela maior riqueza sensorial, possibilidades de experimentação, exploração, descoberta e criação.

A estabilização dos horários e rotinas de bebés e crianças é merecedora de uma atenção privilegiada, pelos sentimentos de segurança, controlo e continuidade que promove. Realça-se a necessidade de uma relação humanizada nos momentos de higiene corporal, alimentação e repouso, salvaguardando o respeito e a acomodação dos ritmos naturais e singulares de bebés e crianças. A implicação das crianças nestes momentos permite-lhes aprender práticas de autocuidado, fundamentais nas circunstâncias atuais. Salienta-se, ainda, a importância de garantir o tempo para a criança levar a cabo as suas iniciativas (observar, interagir, explorar, comunicar e brincar).

A interação de bebés e crianças com o mundo natural e cultural deve manter-se centralmente definidora da sua experiência nestes contextos: a exploração de elementos naturais (água, terra...) e o envolvimento em experiências culturais associadas à música, ao

desenho, à pintura, ao jogo simbólico, às histórias, à dança, aos jogos motores, respeitando referências culturais plurais.

De seguida, apresenta-se um conjunto de sugestões que poderão apoiar a concretização destes princípios pedagógicos nos contextos de creche, creche familiar, e ama, salvaguardando que cada instituição, equipa educativa e famílias, numa **perspetiva de corresponsabilização**, serão capazes de encontrar a melhor forma de as contextualizar.

Às Famílias

As famílias devem ser sempre as primeiras educadoras das crianças tidas como parte integrante do processo educativo. Uma relação saudável entre a creche e a família é basilar e de importância maior nesta fase de responsabilidade e proteção acrescidas.

Será fundamental cooperar e dialogar no sentido de responder às necessidades de todos, mas fundamentalmente das crianças, aceitando as novas orientações de funcionamento extraordinário da creche.

Estratégias propostas

- Privilegiar o bem-estar da criança, acordando com a equipa educativa um horário e um calendário semanal que permitam reduzir, na creche, tanto quanto possível, o rácio adulto-criança, diminuindo potencialmente os riscos de contágio (por exemplo, definir com cada família horários de estrita necessidade, dias de frequência,...).
- Delinear, previamente, com a equipa educativa, um conjunto de medidas adequadas para que o acolhimento e a despedida de cada criança, na creche ou no domicílio da ama, se realize de forma serena e acompanhada de reforço oral de ambas as partes, de quem se despede e de quem acolhe (por exemplo, combinar entradas e saídas desfasadas, ou mantendo as distâncias de segurança, mas sempre acompanhadas pelo familiar responsável, em comunicação com o profissional, respeitando a importância da despedida, da saudação,...).
- Preparar a criança para o regresso à creche ou ao domicílio da ama, integrando visualmente, dias antes, o material de equipamento de proteção individual que elas irão encontrar: máscaras, luvas, viseiras (por exemplo, pedir às famílias para, em

casa, também contactarem e comunicarem com a criança utilizando e retirando a máscara,...).

- Acautelar, via telefone ou outra estratégia a adequar pela instituição, a entrada e saída da criança e familiar responsável, de forma a garantir a utilização correta e desfasada dos circuitos de circulação previamente preparados (por exemplo, solicitar que as famílias aguardem, no exterior da instituição, pela indicação de entrada segura respeitando as indicações de circulação,...).
- Reduzir ao essencial a quantidade de acessórios pessoais e materiais lúdicos de cada criança, bem como vestuário, fraldas, produtos de higiene e alimentação específica e, numa fase tão prévia quanto possível, estruturar a sua gestão com a equipa educativa.
- Articular eficazmente estratégias de higiene e segurança dos objetos de consolo e regulação (chucha, fralda, ó-ós ou outro brinquedo), sendo fundamental, neste processo de readaptação, não esquecer o equilíbrio emocional e o conforto na ausência da família. Contudo, é necessário cuidado na seleção destes materiais, escolhendo aquele que seja a garantia da tranquilidade e segurança emocional da criança.
- Prever que, à entrada na creche ou no domicílio da ama, as crianças tenham calçado alternativo para trocar e que é necessário haver mudas de roupa suficientes para proceder à sua troca, ao longo do dia.
- Prevenir exclusividade nas entradas e saídas da criança da creche, sendo estas feitas por apenas um familiar e, preferencialmente, o mesmo todos os dias, diminuindo potencialmente os contatos presenciais e possíveis riscos.

Às equipas educativas

A equipa educativa assume um papel fundamental na vida da creche. É gestora de relações e responsável por organizar o conteúdo funcional, tendo presente o grupo no seu todo e na sua individualidade, gerindo o tempo e organizando espaços e materiais, envolvendo, ainda, toda a comunidade institucional e as famílias das crianças. Nesta diversidade de dimensões e em fase de emergência de saúde pública, assume-se que o compromisso do profissional de

educação de infância deve ser, mais do que nunca, o de cumprir as suas funções com assertividade, responsabilidade e resiliência.

Estratégias propostas

- Observar o aconselhamento técnico transmitido pela Direção-Geral da Saúde, em que o uso de máscara é recomendado. No entanto, as equipas educativas devem criar dinâmicas pedagógicas prévias em relação ao uso de máscaras, visto que estas ocultam as expressões e a leitura de emoções (por exemplo, em videoconferências que aconteçam, começar a mostrar as máscaras colocadas com sorriso simpático desenhado ou pedir a colaboração das famílias para o uso e desmistificação das mesmas; “cu-cu”/“esconde-esconde” ou brincadeiras de faz-de-conta com o uso da máscara para que possam, de alguma forma, minimizar o ambiente hostil e de receio provocado pela cara coberta,...).
- Desenvolver estratégias para que as crianças reconheçam que, por detrás da máscara, está alguém que conhecem e em quem confiam, aliviando o uso deste equipamento (sempre com a garantia do devido distanciamento de segurança e das normas de manuseamento), em determinados momentos do dia (por exemplo quando se conta uma história, nos momentos de exterior ou mostrando o rosto alternadamente entre os diferentes elementos da equipa, no interior e com o devido distanciamento,...).
- Usar roupas confortáveis e exclusivas para o uso na creche, aprovisionando mudas completas suplentes que, caso sejam utilizadas, devem ser colocadas em saco próprio, para a devida higienização (a 60º), no final de cada jornada de trabalho, reconhecendo que o uso de batas pode aumentar o risco de contaminação.
- Evitar o uso de joias, bem como de acessórios de maquilhagem ou manicura, (pestanas, unhas de gel), devendo ser minimizado o uso de artefactos extra-pele.
- Incluir um espaço de tempo pessoal para se equipar e privilegiar o autocuidado, antes de iniciar a sua jornada laboral.
- Realizar momentos de reflexão, formação e autoformação adequadas a cada contexto, para que os vários elementos da equipa educativa tenham oportunidade de partilhar as suas experiências ou angústias e, de forma cooperada, encontrar estratégias e soluções para melhorar a vida na creche (por exemplo, nos momentos

de rotina semanal, conceber momentos formais e informais que, em conformidade com as normas de segurança, promovam alguma interação, partilha e apoio entre profissionais,...).

- Transmitir todos os procedimentos de forma simples, esclarecedora e tranquilizante para as famílias, promovendo momentos securizantes para a criança e um clima otimista e encorajador para as famílias, facilitando procedimentos e formas de comunicação adequadas às necessidades de cada uma (por exemplo, promovendo um momento inicial de esclarecimento global, mas posteriormente individualizado e reforçado diariamente, se necessário,...).
- Privilegiar, sempre que possível, o contacto com as famílias à porta da sala, *hall* de entrada da instituição ou outro espaço contíguo às instalações, mantendo as devidas medidas de segurança acauteladas pela Direção-Geral de Saúde, possibilitando que a articulação possa ser veiculada ou complementada via telefone.
- Criar instrumentos pedagógicos que facilitem o processo de planeamento do regresso da criança. (por exemplo, vídeos explicativos, apresentações de diapositivos, *e-mail* ou conversas telefónicas que elucidem e capacitem as famílias para os procedimentos adotados pelas instituições, mostrando o circuito a percorrer e o modo de circulação no espaço envolvente ou como acondicionar pertences indispensáveis).
- Respeitar os ritmos de adaptação de cada criança, atendendo às suas características e necessidades individuais, face aos novos procedimentos e reorganização de espaços-tempos do contexto educativo.
- Apoiar a criança no regresso à creche em período de adaptação, partilhando memórias das famílias em tempo de quarentena ou produções realizadas em casa, o que pode trazer a casa para dentro da creche, constituindo elementos securizantes no processo de ausência das famílias.
- Reconhecer a importância do diálogo tónico-emocional – que envolve a presença ou ausência crítica de outra pessoa, a dinâmica aproximação/afastamento, a dinâmica postural e gestual, as atividades de contenção, as sincronias rítmicas e o contacto térmico – enquanto suporte essencial à organização primária do psiquismo e bem-estar da criança.

A equipa é responsável pela organização do ambiente educativo, que deve ser sempre pensado e planeado tendo em conta o contexto e, neste caso concreto, a situação de pandemia em que vivemos. Ao nível do tempo, do espaço e dos materiais, num processo de observação e reflexão da realidade, deve ser feito um planeamento que garanta a maior segurança, tanto das crianças como da equipa, devendo ter-se particular atenção à limpeza e desinfeção de espaços e materiais.

- **Espaço:** em equipa, devem ser acautelados os circuitos de circulação interna, bem como os espaços a incluir dentro da sala, zona de mudas e, se necessário, zona de alimentação, de modo a garantir a permanência segura dentro de sala, sem cruzamentos com outros grupos (por exemplo, definir, sempre que possível, um circuito interno de entrada e um de saída, sinalizando o chão com setas de cores diferentes para cada circuito, permitindo uma melhor orientação espacial de crianças e adultos e, ao mesmo tempo, uma higienização mais segura e eventualmente mais eficaz; potenciar hábitos de higienização das mãos sempre que se entra e sai da sala, para além das já usadas nas rotinas,...). Prevendo também momentos vários, ao longo do dia, de exploração e descoberta no espaço exterior, deve ser calculado, em planta institucional, que espaços cada grupo pode usar, para que sejam salvaguardadas as devidas distâncias físicas e tempos para procedimentos de desinfeção de cada local. Criar zonas de circulação o mais amplas possível para que as crianças possam ocupar o espaço o mais livremente possível, sem estarem confinadas a espaços apertados e exíguos. O espaço exterior deve ser tido como estratégia fundamental para facilitar a adaptação sendo, por si só, mais seguro e estimulante. Deve lembrar-se que o tempo que antecedeu este regresso foi um tempo de confinamento e, em certos casos, de verdadeiro isolamento e condicionamento de estímulos diversos.
- **Materiais:** Tal como em relação ao espaço, também os materiais devem ser verificados, controlados e desinfetados várias vezes ao dia e deve assegurar-se que existe rotatividade de conjuntos de materiais e de brinquedos. Pode recorrer-se a materiais de utilização aberta, que possam usar-se uma só vez e elementos naturais que não constituam perigo de contaminação acrescido. Desaconselham-se objetos em tecido, peluches e materiais de difícil lavagem. No recurso a espreguiçadeiras, não é aconselhável a permanência das crianças nas mesmas por um longo período de

tempo (no caso esporádico da sua utilização, sugere-se que se recorra a cobertas ou lençóis que cubram o equipamento, e que estas sejam de uso exclusivo de uma criança). Sugere-se que se retirem da sala e de outros espaços de circulação das crianças todos os dispositivos que não sejam considerados contingentes às atividades previstas de educação e cuidado. Podem ser construídos ou adquiridos equipamentos que ajudem a contornar alguns constrangimentos impostos pela necessidade de distanciamento físico (por exemplo, relativamente à rotina de repouso, no caso de não ser possível o distanciamento sugerido entre os catres, podem ser construídos separadores com moldura e pés em madeira para a aplicação de plástico ou acrílico, sendo que estes separadores podem ser usados para outros fins, como pintura a pares em espelho, pintura com lama em espaços exteriores, fantocheiro ou para exploração de diferentes efeitos visuais como a cor ou a sombra).

- **Tempo:** equacionar a melhor forma de organizar o grupo em tempos de grande grupo, pequenos grupos ou individuais. A organização da rotina diária deve ser cautelosamente pensada para que se possam cumprir as regras estabelecidas (por exemplo, em relação aos circuitos de circulação ou à utilização de espaços comuns, como os espaços de recreio,...). Os momentos da higiene, alimentação e sesta requerem, agora, uma especial atenção pois têm que ser tidas em conta questões como o distanciamento físico e rigor no cumprimento de regras de higiene (por exemplo, assegurar que a refeição é um momento de partilha, bem-estar e aprendizagem, providenciando a disponibilização de alimentos diversificados, a uma temperatura adequada e estimulando um clima emocional positivo, prevendo e gerindo com flexibilidade comportamentos de maior resistência ou recusa da criança face a determinados alimentos,...). O planeamento destes momentos é fundamental para que a equipa educativa consiga encontrar estratégias que transmitam calma e segurança à criança e que possam, simultaneamente, ser momentos estimulantes ao nível da relação e da aprendizagem. Não obstante a situação que vivemos, não deve ser excluída a possibilidade de saídas ao exterior da instituição. Existem espaços que podem ser utilizados, cumprindo as regras de segurança e saúde, quer para exercício ao ar livre, quer para explorações e aprendizagens diversificadas (por exemplo, hortas, jardins, matas, museus, bibliotecas, em tempo oportuno).

Às Direções das instituições

As direções das instituições são a representação motivacional e agregadora que a equipa educativa necessita para desempenhar o seu papel, na base da responsabilidade, disponibilidade e sentido de pertença. Cada direção deve proporcionar um conjunto de medidas, momentos formais e de reconstrução da equipa educativa, depois desta fase de confinamento e afastamento da realidade profissional. Delegar com precisão e capacitar para a importância de que todas as pessoas fazem parte da solução e não do problema, deve ser o foco.

Estratégias propostas

- Zelar pelo superior interesse das crianças, prestar apoio às famílias, acompanhar a equipa de forma regular e próxima nos seus dilemas profissionais e necessidades pessoais.
- Agir numa atitude de máxima ponderação e diálogo com as equipas na decisão de divisão de grupos, tendo em conta cada caso concreto, de forma a privilegiar a ação educativa e a relação pedagógica com as crianças, sem prejuízo das linhas orientadoras de saúde e proteção.
- Garantir todo o material necessário de funcionamento, nomeadamente materiais de limpeza e higienização e equipamento de proteção individual (por exemplo, as direções das instituições podem, sempre que possível e no cumprimento da regulamentação em vigor, promover a organização de procedimentos de higienização do vestuário das equipas e das crianças,...).
- Acautelar o bem-estar psicológico da equipa educativa, bem como dos outros agentes da comunidade educativa, facilitando o acesso a linhas de apoio ou a outras entidades competentes. (por exemplo estabelecer parcerias com psicólogos, promover acesso a grupos de partilha,...).
- Promover parcerias com entidades da comunidade envolvente para apoio à resolução de problemas concretos deste momento (por exemplo, com a autarquia local, no acesso a espaços verdes para saídas ou fornecimento e construção de materiais; com as forças de segurança, na regulação de trânsito e estacionamento automóvel em zonas alternativas facilitadoras da tomada e largada de crianças ou no apoio às saídas das crianças; com as unidades locais de saúde, na formação ou

encaminhamento de informação às famílias e à equipa educativa; com empresas locais que possam apoiar na construção ou aquisição de equipamentos,...).

- Providenciar formas de se poderem realizar saídas ao exterior, criando condições articuladas para que tal aconteça (por exemplo, ao nível do transporte, assegurando circuitos de passagem seguros, encontrando espaços que possam ser utilizados de forma a não potenciar riscos acrescidos de contágio,...).
- Garantir informação e formação atualizada, fornecida pela tutela, bem como orientações para famílias, crianças e equipas, preferencialmente por vias digitais.
- Equilibrar a responsabilidade da continuidade institucional com os valores de compromisso cívico e apoio social.

PARTICIPARAM NA ELABORAÇÃO DESTE CONTRIBUTO

- Teresa Vasconcelos - educadora de infância – ESE de Lisboa
- Rosa Montez, educadora de infância
- Cristina Mesquita, Escola Superior de Educação & Centro de Investigação em Educação Básica, Instituto Politécnico de Bragança
- Fátima Aresta, Centro de Actividade de Évora, Delegada Regional do Alentejo da APEI
- Liliana Marques – APEI
- Diogo Veríssimo Guerreiro, Educador de Infância, Associação Escola Aberta, Beja
- Catarina Tomás - Escola Superior de Educação de Lisboa e CICS.NOVA
- Conceição Cerqueira, Educadora de Infância, Mestrado em Educação, Subdiretora AE de Monte da Ola (TEIP) - APEI (Viana do Castelo)
- Teresa Sarmento - Universidade do Minho
- Cristina Parente - Universidade do Minho
- Fátima Vieira - Universidade do Minho
- Emília Vilarinho - Universidade do Minho
- Manuela Ferreira - FPCE-UP / CIIE
- Tiago Almeida - Escola Superior de Educação de Lisboa - IPL / CIE - ISPA, IU
- Sara Barros Araújo - Escola Superior de Educação do Porto
- Clara Craveiro - Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti / CieED – ULHT
- Ana Artur - Universidade de Évora-CIEP
- Alexandra Marques - Fundação Aga Khan Portugal
- Andreia Furtado - Fundação Aga Khan Portugal
- Mónica Brazinha – Vogal do Conselho Fiscal da APEI - Fundação Aga Khan Portugal
- Maria Assunção Folque - Universidade de Évora / CIEP-EU
- Susana Alves Alberto, Projeto Grupos Aprender, Brincar, Crescer - Génios & Traquinas
- Anabela Faria - Presidente da Equipa de Coordenação Regional de Intervenção Precoce
- Maria Teresa de Matos - Educadora de Infância - Agrupamento de Escolas Daniel Sampaio
- Maria Manuela de Sousa Matos - Escola Superior de Educação de Setúbal/IPS
- Joana Freitas-Luís - Delegada Regional do Centro – APEI - Educadora de Infância, Associação Vozes da Infância: Identidade, Saber, Compromisso
- Vera Luís - CSP da Igreja Nova, CSPIN Mafra
- Céu Velez, Diretora do Centro de Formação da APEI
- Ana Azevedo, Delegada Regional do Norte da APEI
- Ana Teresa Brito, Fundação Brazelton Gomes-Pedro, ESE Maria Ulrich
- Ana Isabel Santos, Universidade dos Açores- NICA
- Luís Ribeiro – Presidente da APEI
- Carmo Góis – Delegada Regional da Madeira da APEI
- Maria Conceição Bracons – Presidente da Mesa da Assembleia da APEI
- Andreia Carvalho – Fundação Bissaya Barreto - Delegada Local de Coimbra
- Ana Pedrosa – Delegada Local de Leiria da APEI
- Maria Goretti Caldeira – Presidente do Conselho Fiscal da APEI
- Andreia Lima – Delegada Local de Braga da APEI
- Isabel Barros – Delegada Local de Vila Real da APEI
- Anabela Penas – Delegada Local de Chaves da APEI
- Maria José Infante – Delegada Local de Castelo Branco – ESE Castelo Branco
- Maria João Cardona – ESE/IP de Santarém
- Sara Fernandes – Delegada Local de Aveiro da APEI
- Ana Carvalho – Delegada Local de Viseu da APEI
- Mónica Prates – Delegada Local de Portalegre da APEI
- Ana Paula Marreiro – Delegada Local de Faro da APEI
- Luísa Pereira – Delegada Local da Madeira da APEI
- Mais de três centenas de educadores que, através das redes sociais, foram dando o seu contributo para a sugestão de estratégias às famílias, equipas educativas e direções das instituições